

ESPORTES

correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

Equador

O fato de não jogar pelo Flamengo há um mês não impediu Gonzalo Plata de se apresentar à seleção equatoriana, ontem, em Guayaquil. Nos últimos dias, o Flamengo publicou uma nota na qual crítica a postura da Federação Equatoriana de convocar o jogador afastado por lesão. A equipe carioca vê risco à integridade física do atleta. Por mais que Plata não atue contra Brasil e Peru, o técnico Sebastián Beccacece deseja acompanhar de perto a recuperação do ponta.

ELIMINATÓRIAS Como a inteligência emocional pode virar uma das marcas de Carlo Ancelotti na Seleção. Italiano foi um dos pioneiros na atenção à saúde mental no Milan e vê profecia do filho psicólogo se cumprir na vida de jogadores como Richarlison

Dos pés à cabeça

MARCOS PAULO LIMA

Nelson Almeida/AFP



Carlo Ancelotti volta a trabalhar com Richarlison após a experiência no Everton de 2019 a 2021. Nesse período, o centroavante marcou 28 gols

São Paulo — No que depender de Carlo Ancelotti, a Seleção Brasileira terá a saúde mental como um dos pilares nas últimas quatro partidas das Eliminatórias, nos amistosos e na Copa do Mundo de 2026. Carlo, o pai, foi um dos pioneiros no apoio psicológico aos atletas na passagem por Milan, o badalado Centro de Treinamento do Milan. Alvo de clubes da Europa, Davide, o filho, não faz parte da comissão técnica neste início de trabalho, mas tinha 18 anos e figurava na base do clube italiano quando o pai dava atenção à alma dos comandados. Encantado com o zelo do pai e do time pela ciência, o herdeiro desistiu da carreira de meia para estudar a cabeça dos jogadores. A busca por conhecimento rendeu uma profecia. “No futuro, todos os jogadores vão ter o seu próprio psicólogo”, disse à BBC.

De volta à Seleção, o centroavante Richarlison confirma a tese de Davide. O camisa 9 do Brasil na Copa do Catar, em 2022, gritou por socorro neste ciclo. Rodrygo pediu para não ser convocado nesta Data Fifa alegando saúde mental. Carlo Ancelotti atendeu ao não o chamar para os duelos com Equador, nesta quinta-feira, e Paraguai, no dia 10.

A prova da atenção de Carlo Ancelotti à saúde mental é a manutenção da psicóloga Mariana Santiago. A profissional contratada pela CBF na passagem do antecessor Dorival Júnior está preservada na comissão e ajudará a nortear o trabalho do treinador italiano.

Davide era o homem de confiança do pai nos assuntos relativos ao campo da mente. Prestes a seguir carreira solo, ele era sensível às pressões externas e internas sobre os atletas. “No passado, tentamos trazer alguém que os jogadores não soubessem que era psicólogo, para observar e elaborar relatórios. Era mais para a equipe técnica, porque achamos que os treinadores precisam saber mais sobre psicologia”, recomendava Davide Ancelotti. “Em Madrid, agora, temos jogadores com os próprios psicólogos. A saúde mental e a psicologia são mais faladas na sociedade hoje em dia, por isso os jogadores mais jovens compreendem-nas melhor”, atesta.

»Primeiro contato

O primeiro dia de trabalho do técnico Carlo Ancelotti no Centro de Treinamento Joaquim Grava, em São Paulo, teve palestra de apresentação aos jogadores e à comissão técnica e um treino com elenco incompleto na casa do Corinthians. Campeões da Champions League pelo Paris Saint-Germain no sábado, Marquinhos e Beraldo não participaram da atividade. Vice com a Internazionale, o lateral-esquerdo Carlos Augusto também não compareceu. O trio se apresentou ontem à noite. A atividade no gramado foi marcada pelo olhar assustado de Ancelotti com a quantidade de repórteres na atividade liberada por apenas 15 minutos. O italiano comandará mais um treino hoje pela manhã e embarca à tarde rumo a Guayaquil para o duelo desta quinta-feira contra o Equador, no Estádio Monumental.

Carlo Ancelotti inicia o trabalho em uma Seleção marcada por apagões e traumas na Copa: o 7 x 1 contra a Alemanha na semifinal da Copa de 2014 combinado com uma derrota por 3 x 0 na decisão do terceiro lugar diante da Holanda. A frustração da derrota para a Croácia em 2022, a quatro minutos de avançar às semifinais

na prorrogação. A goleada recente de 4 x 1 para a atual campeã, Argentina, em Buenos Aires, pelas Eliminatórias.

Aos 65 anos, Carlo Ancelotti é tão sensível às questões psicológicas quanto o filho. Motivo: justamente uma experiência traumática na Copa do Mundo de 1994. Ele era assistente do

técnico italiano Arrigo Sacchi na final contra o Brasil e aprendeu uma dura lição na escolha dos batedores no superlotado Estádio Rose Bowl, em Pasadena: a autoconfiança.

“Não tem nenhuma chance de Franco Baresi e Roberto Baggio errarem as cobranças”, imaginou, em 17 de junho de 1994. “Eles não só perderam, como ainda estamos procurando a bola chutada por Baresi. Tudo é psicológico”, reconhece Carletto no livro *Liderança Tranquila*, em um trecho dedicado justamente às questões psicológicas de um time.

O tetra do Brasil e a decepção da Itália levaram Ancelotti a enxergar o futebol além do jogo — e a entrar na mente dos comandados. “O aspecto psicológico é um dos menos explorados no mundo do futebol. Eu me interessei muito em usar a psicologia em benefício de meus atletas. Tinha um psicólogo em

minhas comissões técnicas tanto no Chelsea quanto no Milan, mas não no Real Madrid. Um dos motivos de não ser amplamente praticado é a resistência. Os jogadores acham que é muito pessoal, similar a uma ida ao psiquiatra”, pondera.

Ancelotti recorda também o sofrimento da Itália na virada contra a Nigéria nas oitavas de final da Copa de 1994. Auxiliar de Arrigo Sacchi, ele comandava um núcleo high-tech da comissão técnica voltado para números, mas, naquele dia, teve de gritar com os liderados. “Não me digam que foram as estatísticas que venceram aquela partida. O ponto-chave foi ter deixado de lado as distrações e se concentrado na seriedade da situação. A psicologia, uma vez mais. Precisamos trabalhar mais nisso e necessitamos de ajuda de profissionais. Os jogadores devem entender que é algo benéfico, não uma crítica”, escreve no livro.

No divã do técnico

Seis mantras de Carletto

1 Não faça “jogos psicológicos”. Concentre-se no que é importante: resultados

2 Sua ferramenta analítica mais importante são seus olhos e seu cérebro. Fixe-se em sua experiência e não se distraia.

3 Do mesmo modo, não tenha medo de informações e dados estatísticos — aceite novos métodos e qualquer vantagem que possam lhe oferecer

4 Aceite dados analíticos, mas, como líder, seu papel é traduzir isso em ideias e então ser o responsável por transmiti-las aos seus talentos. O líder tem credibilidade emocional para fazer com que tais ideias frutifiquem no campo de jogo

5 A psicologia é fundamental. A mentalidade de seus colegas e equipes é que determinará seu sucesso. Passe confiança às pessoas para que sejam elas mesmas.

6 Um diálogo claro é vital, principalmente para explicar decisões difíceis.

Richarlison

De volta à Seleção Brasileira, Richarlison fez gol de placa ao driblar o preconceito na maior crise da vida e da carreira. “Achava que era frescura, achava que eu estava doido. Da minha família mesmo, têm pessoas que acham que quem vai para o psicólogo é louco, doido. Mas eu descobri isso e achei maravilhoso. A melhor coisa, a melhor descoberta que eu tive na minha vida, mesmo”, contou, em entrevista à ESPN.

“Acho que a psicóloga, querendo ou não, salvou, me salvou, salvou minha vida, porque... Eu só pensava besteira... No Google mesmo, eu só pesquisava besteira, só queria ver besteira de morte, sei lá... Hoje eu posso falar, procure um psicólogo, você que está precisando de um psicólogo, procure, porque é legal você se abrir assim, você estar conversando com a pessoa.”

FUTEBOL FEMININO

Brasil reage e bate o Japão de virada

Embora tenha vivido perigosamente, ontem, em Bragança Paulista (SP), a Seleção Brasileira feminina segue invicta. Vitoriosa sobre os Estados Unidos em abril e sobre o Japão na sexta-feira, a companhia verde-amarela mostrou poder de reação ao virar sobre as asiáticas e vencer por 2 x 1.

O duelo foi o último da Seleção Brasileira antes da convocação do técnico Arthur Elias para a Copa América do Equador, de 12 de julho a 2 de agosto. O dono da prancheta anunciará os nomes e terá um amistoso para preparar a equipe, contra a França, no dia 27 deste mês.

O torneio continental é importante, pois oferece vaga nos Jogos Olímpicos de Los Angeles-2028. O Brasil é o recordista de troféus. Das nove edições, oito foram ganhas pela Canarinho. A Argentina foi a única a “furar a bolha”, com a conquista em 2006.

O empate que persistia até os 33 minutos do segundo tempo não era de todo ruim. As japonesas haviam largado na frente no primeiro giro do cronômetro na etapa final, com a meia Seike. Aos oito, a zagueira Ishikawa mandou contra a própria meta e possibilitou a reação brasileira na partida. Aos 33, brilhou a estrela da ataca-

Livia Villas Boas/CBF



Joia de Corinthians, a atacante Jhonson substituiu Marta no segundo tempo e marcou o gol da vitória contra o Japão

cante Jhonson, estreante. A noite foi duplamente especial, pois ela entrou no lugar de ninguém menos do que Marta.

Retornando à equipe nes-

ta Data Fifa, a Rainha iniciou a primeira partida como titular. A última vez da jogadora eleita seis vezes a melhor do mundo da Fifa havia sido pela fase de grupos dos

Jogos Olímpicos de Paris-2024, na derrota por 2 x 0 para a Espanha. Naquela partida, a camisa 10 foi expulsa, emocionou-se e depois pediu desculpas.

Marta subiu ao segundo lugar do pódio da Olimpíada da França após entrar no segundo tempo do revés por 1 x 0 contra os Estados Unidos, no Parque dos Príncipes, a casa do Paris Saint-Germain.

A formação utilizada por Arthur Elias ontem foi o 5-3-2. Marta foi utilizada no papel de articuladora, centralizada entre as outras duas meias, Duda Sampaio e Angelina. A posição é a que a Rainha mais tem se sentido confortável no Orlando Pride, dos Estados Unidos, atrás das atacantes. A camisa 10 jogou 73 minutos, obteve 77% de aproveitamento nos passes, acertou dois cruzamentos de sete, mas não encaixou nenhum drible ou finalização.

As vitórias contra o Japão demonstram a evolução da Seleção Brasileira no cenário para além da América do Sul. As asiáticas ostentam um título da Copa do Mundo, em 2011.